

O estudo da negação na perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos

Andréia Inês Hanel

Mestrado em Letras – Universidade de Passo Fundo (UPF)

hanelandreia@bol.com.br

Resumo. *Com base na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) desenvolvida por Marion Carel e Oswald Ducrot, o presente trabalho busca evidenciar a reiteração da posição principal defendida pelo locutor responsável pelo discurso “acho, sim, que família deve ser careta, e que isso há de ser um bem incomparável neste mundo tantas vezes fascinante e tantas vezes cruel”. Posição marcada no uso da palavra “NÃO”, já estudado e classificado como negação polêmica. O corpus da pesquisa é um artigo de opinião da seção Ponto de Vista, publicado na revista “Veja”. Constatou-se que os enunciados que contêm a palavra “não” como negação polêmica, representam no quadrado argumentativo, às vezes o aspecto transgressivo e, às vezes o aspecto normativo do bloco que expressam.*

Abstract. *Having the Theory of the Semantic Blocks (TBS), developed by Marion Carel and Oswald Ducrot, as its basis, this study seeks to show the reiteration of the principal position of the locator, who is in charge of the discourse “I really think that the family should be old-fashioned, and that this must be an incomparable thing in this world, both fascinating and cruel?”. This position is marked by the use of the word “NO”, which was already studied and classified as a polemic negation. The corpus for the research is an opinion article from the section “Ponto de Vista”, edited by “Veja” Magazine. The study concluded that the statements, which have the word “No” as a polemic negation, may represent in the argumentative square the transgressive aspect of the semantic block as well as the normative one.*

Palavras - Chaves: argumentação; blocos semânticos; aspecto normativo e transgressivo.

1.Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar como o autor do artigo de opinião sob análise encadeia argumentativamente os enunciados quando se utiliza da negação polêmica e quais aspectos argumentativos convoca ao utilizá-la, para reiterar a posição principal defendida no enunciado, em um texto da seção “Ponto de Vista” da revista *Veja*, publicado no mês de fevereiro de 2007. Os apontamentos teóricos construídos e os dados observados estão baseados na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) proposta por Marion Carel em 1992, e desenvolvida, posteriormente, com Oswald Ducrot.

Consideramos que a análise efetivada poderá servir como instrumento didático e pedagógico, uma vez que poderá auxiliar professores e alunos nas atividades de leitura e produção textual. Além disso, o presente trabalho apresenta-se como um estudo teórico que permite maior compreensão da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) de Ducrot e Carel, podendo subsidiar alunos e pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento interessadas pelo aspecto argumentativo da língua.

Nosso estudo organiza-se em cinco partes: (1) introdução do trabalho, com o objetivo do estudo, a justificativa, o *corpus* utilizado; (2) referencial teórico com exposição da Teoria dos Blocos Semânticos, com a explicitação da constituição dos aspectos do bloco que relaciona a tese principal do locutor no uso da negação polêmica como escopo de estudo; (3) metodologia, com descrição do *corpus* e dos procedimentos de análise; (4) análise dos dados com uma breve reflexão sobre os resultados e (5) considerações finais, com reflexões sobre possibilidades de tratamento de novas abordagens a partir deste estudo.

2. Fundamentos Teóricos

2.1 A Teoria da Argumentação na Língua

A Teoria da Argumentação na Língua (ADL) criada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre em 1983, é marcada por três momentos no seu desenvolvimento. Na seqüência, citaremos os momentos teóricos e as principais idéias de cada um. Vamos nos deter um pouco mais no momento atual da ADL, na Teoria dos Blocos Semânticos.

A primeira versão da ADL é conhecida como *Forma Standard* (1983); seguindo-se a versão ampliada que inclui a Teoria da Polifonia e a Teoria dos Topoi (1988) e, por último, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS, 1992) que será a fundamentação de nossa pesquisa.

2.2 Marcas do Estruturalismo de Saussure na ADL

Amparado em algumas idéias de Saussure, Oswald Ducrot e seus colaboradores propõem um estudo da argumentação na língua, ou seja, o ponto de vista que cria o objeto de investigação de Ducrot é a própria língua. Para esses pesquisadores é a estrutura lingüística que indica o que devemos procurar no contexto, quando se quer interpretar um enunciado. Ducrot (2005) reúne novamente língua e fala, pois se interessa pelo enunciado, pelo produto do acontecimento enunciativo. Quanto a isso afirma

Somos, assim, conduzidos a colocar em dúvida a análise, aparentemente incontornável, que pretendia separar, como dois objetos inteligíveis, um sem o outro, o material lingüístico utilizado quando um enunciado é produzido, e o fato de esse material ser utilizado (por exemplo, que ele é selecionado por um falante numa certa situação), porque essa seleção e essa situação não podem ser consideradas nelas mesmas, independentemente das palavras escritas ou pronunciadas. É, ao contrário, a partir dessas palavras que a enunciação e seu contexto devem ser caracterizados.(...) Em que consiste o acontecimento enunciativo? Pode-se dizer, considerando-se o texto que foi enunciado, que ele expressa uma imagem da sua própria enunciação... (Ducrot, 2005, p.14)

E, Ducrot ainda no artigo antes citado afirma que é a escolha das palavras que cria uma imagem da fala, e que essa imagem é pertinente para a compreensão do discurso e do contexto da enunciação que também é construído pelo discurso “as palavras empregadas indicam o que se deve procurar e como se deve procurar, no ambiente “real” para

constituir o quadro dentro do qual o discurso deverá ser interpretado, e que não preexiste a fala *enquadrada* nele. (Ducrot, 2005, p. 14) Assim, o autor mostra que o que preexiste à fala é uma situação sem limites e sem estrutura, pois afirma: “a fala traz com ela os limites e os pontos de vista que tornam essa situação utilizável para a interpretação.” (Ducrot, 2005, p. 15). O autor por meio dessas afirmações destrói a idéia que se encontra na maioria dos gramáticos e filósofos da linguagem de que “as palavras têm, por função primeira, veicular uma descrição da realidade, que elas têm um nível fundamental, um valor “informativo”, que elas são, antes de tudo, um meio de comunicar informações” (Ducrot, 2005, p. 15) e anuncia que as palavras têm função argumentativa. Em seu entendimento o valor argumentativo de uma palavra é por definição a orientação que essa palavra dá ao discurso. O emprego de uma determinada palavra torna possível ou impossível uma determinada continuação do discurso e o valor argumentativo dessa palavra é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina, ou seja, como Ducrot já afirmara anteriormente, a estrutura da fala traz com ela os limites e os pontos de vista que tornam essa situação utilizável para a interpretação.

Carel, (2005) apresenta uma noção de argumentação puramente discursiva rejeitando a Teoria dos Topoi, que propunha a existência de um princípio argumentativo (o “topos”) que garantiria a passagem de um argumento a uma conclusão. Observe-se por exemplo: João trabalha (o trabalho traz riqueza) DC João é rico.

Ao apresentar a sua noção de argumentação, Carel (2005), avalia o discurso (N):

(N) É perto, portanto Pedro pegou a bicicleta.

Dentre uma série de reflexões que traz em seu artigo, a autora esclarece um ponto importante no que se refere às explicações sobre o que seja um *encadeamento argumentativo*. O discurso (N) torna-se um encadeamento argumentativo por apresentar dois segmentos (É perto) e (Pegou a bicicleta) que são semanticamente interdependentes. Carel (2005, p. 80) explica essa interdependência afirmando que “é somente ligados uma ao outro que os dois segmentos de (N) fazem sentido”. Note-se que como não há apreciação da distância e nem do modo de deslocamento, só se compreende a relação estabelecida pelo segmento “É perto” como uma distância fácil de percorrer, na dependência do segmento seguinte que mostra a escolha de um meio de locomoção fraco para realizar tal percurso. A autora conclui seu artigo da seguinte maneira

“Minha noção de argumentação supõe uma dependência de dois segmentos. Não há, para mim, num encadeamento argumentativo, qualquer progresso informativo. É um único ponto de vista que é desenvolvido, ou sob um ângulo normativo, ou sob um ângulo transgressivo... A Linguística que desenvolvo procura ser estruturalista...” (Carel, 2005, p. 85)

E, recentemente, Ducrot e Carel (2008, p.18) voltam a unir as noções de língua e fala de modo a garantir o estudo da argumentação na língua e a reiterar o caráter argumentativo da mesma.

(...) Pesquisas que consistem sempre em confrontar a descrição com textos. De fato, esse apelo ao trabalho com textos nos parece estar no próprio espírito da semântica polifônica. Esta, insistiremos nisso para concluir, impõe, ainda mais do que qualquer outra forma de semântica, que se olhem as utilizações reais das frases, que se confronte a língua ao discurso. De fato, os próprios conceitos de que se serve a polifonia, enunciador, locutor, atitude, encenação, não podem ter nenhuma realidade na língua mas apenas na transformação da língua em discurso – até mesmo se essa transformação é guiada pela língua. Dá-se, aliás,

o mesmo numa semântica argumentativa se, como faz a TBS, entendendo-se por “argumentação” um certo tipo de encadeamento discursivo. Afirmamos de fato que tais argumentações constituem a significação das entidades da língua. A determinação das significações lingüísticas só é, portanto, possível pela consideração sistemática do discurso: é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações. (Carel & Ducrot, 2008, p. 18)

Os autores reconhecem que é no discurso que as palavras adquirem sua significação. Por isso pode-se dizer que o autor não estuda enunciação, mas o enunciado realizado, a estrutura lingüística.

2.2.1 Uma breve retomada sobre a negação polêmica

Para localizar o leitor, quanto ao objeto que será investigado, faremos essa pequena consideração sobre os aspectos apresentados na negação polêmica, por tratar-se do recorte investigativo que foi selecionado.

O estudo da negação surge no segundo momento da ADL, quando Ducrot critica a existência da unicidade do sujeito falante e funda a Teoria da Polifonia da Enunciação. Com diferentes significados ao longo da história, o termo polifonia, para o lingüista, refere que um mesmo enunciado traz presente vários sujeitos com *status* lingüísticos diferentes. É importante esclarecer como Ducrot define cada um desses sujeitos e suas diferentes funções. O sujeito empírico (SE) é o autor efetivo do enunciado e não interessa aos estudos lingüísticos. A função de locutor (L) para Ducrot é a pessoa a quem se atribui a responsabilidade pelo enunciado. A função de enunciador (E) são os pontos de vista que o locutor põe em cena, relativos às situações de que se fala. Ou nas palavras do próprio autor

Chamo enunciadores a origem dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado. Não são pessoas sim “pontos de perspectiva” abstratos. O locutor mesmo pode ser identificado com alguns desses enunciadores, mas na maioria das vezes os apresenta guardando certa distância frente a eles. (Ducrot, 1998, p. 20)¹

São marcas da polifonia da enunciação o humor, a ironia, a pressuposição e a negação. Apresentaremos algumas referências ao caso da negação, por tratar-se de nosso recorte investigativo.

Na *negação*, ocorre a presença de pontos de vista opostos, fato que ocorre na seqüência *Pedro não é gentil*, em que há um *locutor* que é responsável pela sua enunciação e dois *enunciadores*: E1, que apresenta o ponto de vista de que “Pedro é gentil” e E2, que apresenta o ponto de vista de que “Pedro não é gentil”. Na negação polêmica, ocorre a presença de dois pontos de vista opostos, pelo fato de que o locutor responsável pela sua enunciação apresenta pelo menos dois enunciadores, sendo que um dos enunciadores apresenta um ponto de vista afirmativo e o outro enunciador um ponto de vista negativo. Por apresentar dois pontos de vistas opostos e se identificar com um deles, Ducrot considera essa negação polifônica. Nesse caso, o locutor se posiciona em

¹ Lhamo enunciadores a los orígenes de los diferentes puntos de vista que se presentan em el enunciado. No son personas sino “puntos de perspectiva” abstractos. El locutor mismo puede ser identificado com algunos de estos enunciadores, pero em la mayoría de los casos los presenta guardando cierta distancia frente a ellos.

relação a dois pontos de vista constituídos no enunciado. A recusa do primeiro ponto de vista é um desacordo com o enunciador apresentado, em que o locutor imagina alguém que sustentaria esse ponto de vista e toma a posição contrária. Essa negação tem sempre um efeito contestador e mantém os pressupostos. E, como afirma Ducrot, o caráter polêmico de um enunciado apenas poderá ser definido por causa do seu funcionamento polifônico.

Hoje Ducrot e Carel (2008) já remodelaram a análise da negação, observando-a sob a perspectiva da TBS. A esse respeito comentam:

(...)É-nos necessário primeiramente indicar as características da TBS que nos levaram a modificar as descrições polifônicas não argumentativas.

O ponto fundamental é que gostaríamos de renunciar radicalmente a qualquer descrição não lingüística do significado das expressões da língua. Tomando ao pé da letra a idéia saussuriana de que o significado é parte integrante do signo, concluímos que ele não pode consistir nem em coisas (ou propriedades das coisas), nem em idéias (conceitos, representações mentais). Mais precisamente, ficamos com as fórmulas de Saussure em que o significado é visto como o “valor” do signo – o que leva a concebê-lo, já que o valor de uma entidade é um conjunto de relações entre entidades que lhe são homogêneas, como um conjunto de relações entre signos. (Carel & Ducrot, 2008, p. 9)

Assim, os autores definem que “dar o significado de uma expressão é associar-lhe diferentes argumentos que são evocados por seu emprego.” (2008, p. 10). Tal concepção tem conseqüências importantes para a descrição polifônica, no que diz respeito à natureza dos “pontos de vista” associados aos enunciadores. Na prática, a “remodelagem” da descrição polifônica da negação, se manifesta na tentativa de descrever as diferentes formas possíveis de negação pelas relações existentes entre os aspectos expressos pelos enunciadores e os expressos pelos enunciadores recusados. “Chegar-se-á a esse resultado se a oposição entre as diferentes formas de negação pode ser relacionada ao fato de que os aspectos expressos pelo enunciador positivo e pelo enunciador negativo que lhe é confrontado pertencem ou não ao mesmo bloco.” (Carel & Ducrot, 2008 p. 12)

Para compreender essa perspectiva acrescentada ao estudo da negação, passaremos ao estudo da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

2.3 A contribuição de Carel e o surgimento da Teoria dos Blocos Semânticos

Em 1992, Marion Carel defende sua tese de Doutorado apresentando a Teoria dos Blocos Semânticos. Ducrot ao comentar essa que é a fase atual da Teoria da Argumentação na Língua sublinha que a idéia base de sentido argumentativo se mantém:

Em termos gerais pode-se afirmar que a TADL é uma aplicação do estruturalismo saussuriano na semântica lingüística na medida em que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações desta expressão com outras expressões da língua. (...) É necessário recordar aqui que descrevo a TADL de modo geral com Jean-Claude Anscombe e eu já a havíamos pensado durante vários anos e que tudo o que foi aqui mostrado se mantém na

TBS. Em particular, a idéia fundamental a respeito do sentido: o sentido se baseia na argumentação (...) (Carel & Ducrot, 2005, p.12)²

Dessa forma, Ducrot reconhece uma evolução na própria teoria, com a manutenção das principais idéias. Entre elas, o caráter argumentativo da língua e que essa argumentação está na língua, na forma como encadeamos as “expressões”.

A TBS abandona a Teoria dos Topoi, pois Carel percebe que Ducrot e Anscombe nessa teoria, baseavam as relações argumentativas em princípios que não eram de ordem lingüística. Ou nas próprias palavras de Ducrot “baseávamos a argumentação na relação que existe na realidade (...) Ao basear, então, a argumentação em noções independentes da língua, estávamos renunciando ao princípio saussureano segundo o qual a língua só é estudada a partir dela mesma.” (Carel & Ducrot, 2005, p. 13)³

A idéia central da TBS é que o sentido de uma expressão só pode ser dado nos discursos argumentativos que podem ser encadeados a partir dessa expressão. “A argumentação não se agrega ao sentido, mas constitui o sentido” (Carel & Ducrot, 2005, p. 13)⁴ Para a TBS, parafraseando os autores, o sentido não está constituído por coisas, fatos, propriedades, crenças psicológicas nem idéias. Está constituído por certos discursos que esta entidade lingüística evoca. Esses discursos serão caracterizados com o nome de *encadeamentos argumentativos*. A fórmula geral que esquematiza os encadeamentos argumentativos é

X CON Y

Onde X e Y são segmentos, predicados, unidos por um conector (CON). Os autores admitem apenas dois tipos de conectores e, conseqüentemente dois tipos de encadeamentos argumentativos. Os conectores do tipo DC (DONC - portanto) aparecem em encadeamentos argumentativos NORMATIVOS. Carel define suas idéias quanto ao aspecto normativo da seguinte forma “na minha opinião, do argumento à conclusão, não existe o menor progresso; o uso de portanto na língua não é um simulacro de demonstração.”⁵ (Carel, 1998, p. 264) e continua explicando

“A primeira razão para me fazer crer que um encadeamento com portanto não é em absoluto uma justificativa, é que o “argumento” não tem sentido em si mesmo. Com isso quero dizer que o “primeiro segmento” (...) não pode ser

²En términos generales, puede afirmarse que a TADL es una aplicación del estructuralismo saussuriano a la semántica lingüística en la medida en que, para Saussure, el significado de una expresión reside en las relaciones de esa expresión con otras expresiones de la lengua. Es necesario recordar aquí que describo la TADL en general tal como Jean-Claude Anscombe y yo la ideamos durante varios años y que todo lo que hasta aquí he señalado se mantiene en la TBS. En particular, la idea fundamental respecto del sentido: el sentido se basa en las argumentación.

³ (...) basávamos las relaciones argumentativas em principios que no son de orden lingüístico. (...) Al basar, entonces, la argumentación en nociones independientes de la lengua, estábamos, en realidad, renunciando al principio saussureano según el cual la lengua sólo se estudia a partir de ella misma.

⁴ La argumentación no se agrega al sentido, sino que constituye el sentido.

⁵ En mi opinión, del argumento a la conclusión, no existe el menor progreso; el uso de por lo tanto en la lengua no es un simulacro de demostración.

considerado como um enunciado ao qual se atribui um sentido, unitário e completo. (Carel, 1998, p.265)⁶.

Os conectores do tipo PT (*pourtant* – mesmo assim) aparecem em encadeamentos argumentativos TRANSGRESSIVOS. Nesses é verificada a mesma interdependência semântica observada em encadeamentos normativos, apenas, nessa forma de argumentar, é possível dizer que o locutor reconhece na regra seu aspecto normativo, mas opta em utilizá-lo na forma transgressiva. Isso pode ser afirmado pois como refere Carel

“... a regra não tem nenhum vínculo privilegiado com nenhum de seus aspectos (do mesmo modo que o bloco não tem nenhum vínculo privilegiado com nenhuma de suas regras). No meu entender a regra tem exceções “por natureza”. Sua natureza mesma implica que tenha dois aspectos, transgressivo e normativo, no sentido em que o normal e o patológico se supõem mutuamente.” (Carel, 1998, p. 274)⁷.

A presença de apenas dois tipos de encadeamentos argumentativos dá origem ao fenômeno chamado de *interdependência semântica* que ocorre porque cada um dos segmentos encadeados apenas adquire sentido na relação com o outro. Na aplicação da TBS, no quadrado argumentativo, percebemos que cada um dos encadeamentos argumentativos apresenta-se como um aspecto argumentativo, pois admitimos uma convenção que substitui X e Y por A e B, respectivamente, ligados por um dos conectores. Se introduzirmos a negação (não) na relação dos predicados que serão colocados no quadrado argumentativo, teremos a possibilidade de oito aspectos, embora alguns possam parecer absurdos, os mesmos são possíveis e poderiam tornar-se reais em discursos esporádicos.

Nesse momento, explicitaremos como se constitui um Bloco Semântico (BS) que apresenta os aspectos:

A **DC** B

Neg-A **DC** Neg-B

Neg-A **PT** B

A **PT** Neg-B

A e B são predicados e *neg* representa a negação do predicado à que faz referência. DC é o conector *donc* (portanto) e PT é o conector *pourtant* (mesmo assim). Termos assim selecionados por tratarem-se de uma convenção da ADL. Os exemplos aqui utilizados foram retirados de Carel e Ducrot, (2005, p. 23). E os predicados que serão abordados são A, “problema” e B, “deixar de lado”. Para representar o primeiro aspecto A **DC** B,

(1) Há um verdadeiro problema, portanto devemos deixá-lo de lado.

Quando representamos o segundo aspecto Neg-A **DC** Neg-B,

(2) Não há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado.

O terceiro aspecto Neg-A **PT** B será assim representado

⁶ La primera razón que me hace creer que un encadenamiento con por lo tanto no es em absoluto una justificación, es que lê “argumento” no tiene sentido em si mismo. Com esto no quiero decir que el “primer segmento” (...) no puede considerarse como um enunciado, al cual le sería atribuible um sentido, unitario y completo.

⁷ (...) la regla no tiene ningún vínculo privilegiado com ninguno de sus aspectos (del mismo modo que el bloque no tiene ningún vínculo privilegiado com ninguna de sus reglas). Em particular, a mi entender, la regla tiene excepciones “por naturaleza”. Su naturaleza misma implica que tenga dos aspectos, exceptivo y normativo, em el sentido em que lo normal y lo patológico se suponen mutuamente.

(3) Não há um verdadeiro problema, mesmo assim devemos deixá-lo de lado.

E o aspecto A **PT** Neg-B é assim representado

(4) Há um verdadeiro problema, mesmo assim não o deixemos de lado.

Note-se que A, “problema” toma o sentido de dificuldade e B, “deixar de lado” toma o sentido de adiar o assunto. Isso nos leva a construir um só bloco para os encadeamentos (1), (2), (3) e (4) e, nesses quatro casos, a interdependência e a mesma. Poderíamos apresentar aqui mais quatro aspectos que formariam um novo bloco e confirmariam a possibilidade de se obterem oito aspectos entre dois predicados, inserindo-se a negação. Os encadeamentos relacionariam A, problema e B, não deixar de lado pertenceriam aos aspectos

A **DC** B

Neg-A **DC** Neg-B

Neg-A **PT** B

A **PT** Neg-B

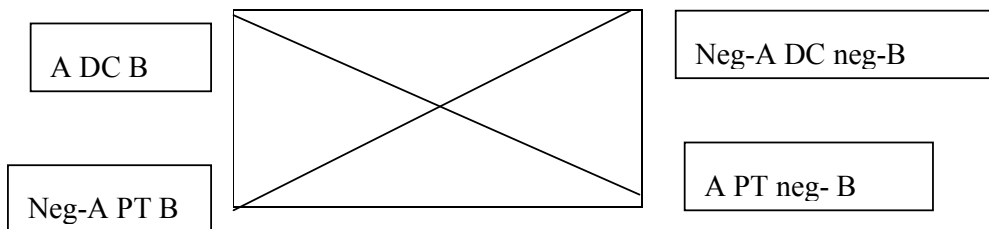
(1’) Há um verdadeiro problema, portanto não devemos deixar de lado.

(2’) Não há um verdadeiro problema, portanto devemos deixá-lo de lado.

(3’) Não há um verdadeiro problema, mesmo assim não devemos deixá-lo de lado.

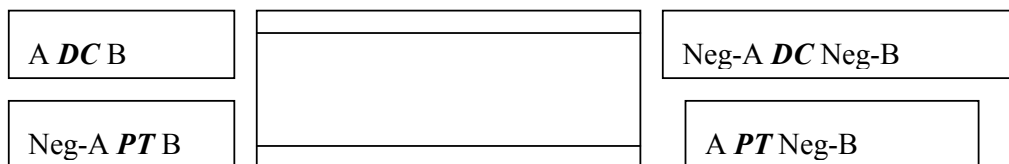
(4’) Há um verdadeiro problema, mesmo assim devemos deixá-lo de lado.

Tanto no primeiro quadrado argumentativo quanto no segundo, os aspectos relacionam-se entre si e essas relações podem ser conversas, recíprocas ou transpostas. São chamadas de relações conversas as estabelecidas entre A **DC** B e A **PT** neg-B bem como as relações entre neg-A **DC** neg-B e neg-A **PT** B.

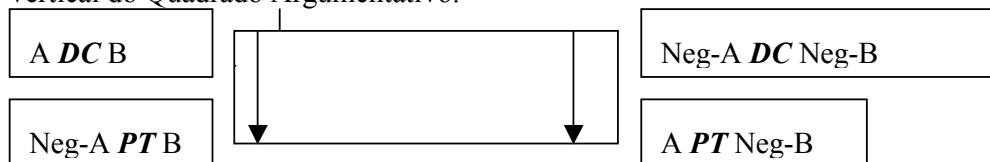


A relação conversa se estabelece entre aspectos argumentativos normativos e transgressivos. O exemplo que se deu acima “A **DC** B” *Há um verdadeiro problema, portanto devemos deixá-lo de lado*, é possível compreender que, se há dificuldades, devemos deixar nossa intenção de lado, deixar o trabalho, etc. Por sua vez seu aspecto converso A **PT** Neg-B *Há um verdadeiro problema, mesmo assim não o deixemos de lado*, há outra idéia, embora existam dificuldades o projeto não deve ser deixado de lado. Note-se que esses aspectos são utilizados por locutores que expressam o mesmo bloco de modos diferentes.

A relação de reciprocidade acontece no sentido horizontal e direto do quadrado argumentativo, assim, num bloco semântico, são recíprocos os aspectos A **DC** B e Neg-A **DC** Neg-B e os aspectos Neg-A **PT** B e A **PT** Neg-B. Observa-se que, na relação recíproca, mantêm-se o mesmo conector, acrescentando-se a positividade ou a negatividade.



Na relação de reciprocidade superior temos “A **DC** B” *Há um verdadeiro problema, portanto devemos deixá-lo de lado* e Neg-A **DC** Neg-B *Não há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado*. Num encadeamento, percebe-se a idéia de que, perante uma dificuldade, deve-se abandonar a atividade, no outro encadeamento argumentativo tem-se a idéia de que, não havendo uma grande dificuldade, não devemos abandonar a atividade, devemos contornar essa pequena dificuldade e seguir em frente. Note-se que procuramos um contexto possível para compreender os encadeamentos que certamente não é o único, mas nos serve, no momento, para ilustrar as relações que se estabelecem entre os aspectos argumentativos do bloco semântico. Ainda temos as relações transpostas no bloco que acontecem de forma direta na posição vertical do Quadrado Argumentativo.



A relação transposta também relaciona os dois conectores, porém a relação acontece em um mesmo lado do quadrado. Acompanhemos o exemplo “A **DC** B” *Há um verdadeiro problema, portanto devemos deixá-lo de lado* e “Neg-A **PT** B” *Não há um verdadeiro problema, mesmo assim devemos deixá-lo de lado*. Aqui, enquanto, no primeiro aspecto, há a conformidade em desistir frente à existência da dificuldade, no segundo aspecto, não há uma grande dificuldade, mesmo assim parece ser mais fácil deixar de lado a solução. (Não há um verdadeiro problema, mesmo assim devemos deixá-lo de lado, deixar de lado o projeto...) Note-se que embora haja a conformidade em deixar de lado, adiar a solução do problema, isso não acontece na mesma situação, pois um se refere à existência de uma dificuldade e o outro opta por adiá-la, mesmo sem a ocorrência de uma grande dificuldade.

Certamente ainda há muitas considerações a serem feitas acerca da TBS desenvolvida por Ducrot e Carel, mas optamos por abordar aqui as considerações que serão importantes para a análise que desenvolveremos a seguir.

3. Considerações Metodológicas

3.1. O objeto sob análise: o artigo de opinião

Nesta seção caracterizaremos, em linhas bem gerais, o gênero *artigo de opinião*, que é o objeto de nosso estudo. Cunha (2002), ao estudar o funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião, caracteriza do seguinte modo o gênero artigo de opinião: é um gênero constituído de um dizer sobre o dizer, imediato ou recente.

A autora estuda a heterogeneidade discursiva do artigo de opinião a partir do ponto de vista dialógico bakhtiano, destacando a argumentação do locutor responsável pelo

artigo. Valendo-se da distinção de Broucker de que os “gêneros redacionais” se distinguem pela *informação* e pelo *comentário*, Cunha (2002, p.170) verifica que a distinção está ligada ao objetivo de cada um deles: “o texto de informação visa a fazer saber, como é o caso da notícia, enquanto o de comentário procura fazer valer uma convicção, um julgamento, um sentimento, como nos artigos de opinião”. Nesse sentido, a autora defende:

O artigo de opinião expõe o ponto de vista de um jornalista ou de um colaborador do jornal, fazendo uso de dêiticos e do presente do indicativo como tempo de base, num texto claramente argumentativo. Comentando sempre algo já dito, o artigo de opinião é um gênero de “enunciação subjetiva” . (CUNHA, 2002, p.70).

Como ressalta a autora, o artigo de opinião não faz uso do dialogismo mostrado, mas é fundamentalmente dialógico, em que os outros discursos mencionados, citados e antecipados, funcionam como argumento para sustentar os pontos de vista do jornalista. Assim, “o artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipações das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito”. (CUNHA, 2002, p.179)

O *corpus* para análise neste estudo foi selecionado da seção Ponto de Vista da revista *Veja* fev/2007. Essa seleção foi motivada pelo fato de termos realizado anteriormente uma⁸ pesquisa investigativa sobre os aspectos da polifonia, marcados pela negação polêmica, nesse mesmo corpus.

3.2 Procedimentos de análise

Partindo das ocorrências da palavra “não”, classificadas anteriormente como negação polêmica, buscaremos mostrar que predicados o locutor encadeia, que blocos semânticos constitui e que aspecto do quadrado argumentativo relaciona. É intenção desse trabalho mostrar, ainda, de que modo essa seleção contribui para o desenvolvimento do texto reforçando sua tese inicial.

4. Análise dos dados: A seleção de aspectos do quadrado argumentativo no artigo de opinião *Família tem de ser careta*

O artigo de opinião, como se mencionou antes, é um texto claramente argumentativo, que está sempre comentando algo “já dito”. A análise, a seguir, procura verificar se as definições dos autores citados contribuem e por que contribuem para compreender as seleções argumentativas realizadas pelo locutor, de modo a reiterar seu ponto de vista argumentativo. Para melhor observação de tais construções, o texto foi transcrito. Confira-se:

Família tem de ser careta

- 1 Esperando uma reação de espanto ou contrariedade ao título acima, tento explicar:
- 2 acho, sim, que família deve ser careta, e que isso há de ser um bem incomparável nes-
- 3 te mundo tantas vezes fascinante e tantas vezes cruel. Dizendo isso não falo em rigi-

⁸ A análise refere-se ao trabalho de conclusão do curso de Especialização em Estudos Lingüísticos do Texto – UFRGS - 2007

4 dez, que os deuses nos livrem dela. Nem em pais sacrificiais, que nos encherão de
5 culpa e impedirão que a gente cresça e floresça. Não penso em frieza e omissão, que
6 nos farão órfãos desde sempre, nem controle doentio – que o destino não nos reserve
7 este mal dos males. Nem de longe aceito moralismo e preconceito, mesmo (ou sobre-
8 tudo) disfarçado de religião, qualquer que seja ela, pois isso seria a diversão maior
9 do demônio.

10 Falo em carinho, não em castração. Penso em cuidados, não em suspeita. Imagino
11 presença e escuta, camaradagem e delicadeza, sobretudo senso de proteção. Não revi-
12 rar gavetas, esvaziar bolsos, ler e-mails, escutar no telefone, indignidades legítimas
13 em casos extremos, de drogas ou outras desgraças, mas que em situação normal com-
14 binam com velhos internatos, não com família amorosa. Falo em respeito com a cri-
15 ança ou o adolescente, porque são pessoas, em entendimento entre pai e mãe – tam-
16 bem depois de uma separação, pois naturalmente pessoas dignas preservam a ele-
17 gância e não querem se vingar ou continuar controlando o outro através dos filhos.

18 Interesse não é fiscalizar ou intrometer-se, bater ou insultar, mas acompanhar, ob-
19 servar, dialogar, saber. Vejo crianças de 10, 11 anos freqüentando festas noturnas
20 com a aquiescência de pais irresponsáveis, ou porque os pais nem sabem onde elas
21 andam. Vejo adolescentes e pré-adolescentes embriagados fazendo rachas alta noi-
22 te ou cambaleando pela calçada ao amanhecer, jogando garrafas em carros que pas-
23 sam, insultando transeuntes – onde estão os pais?

24 Como não saber que sites da internet as crianças e os juvenzinhos freqüentam, com
25 quem saem, onde passam o fim de semana e com quem? Como não saber o que se
26 passa com eles? Sei de meninas, quase crianças, parindo sozinhas no banheiro, e nin-
27 guém sabia que estavam grávidas, nem mãe nem pai. Elas simplesmente não existi-
28 am, a não ser como eventual motivo de irritação.

29 Não entendo a maior parte das coisas solitárias e tristes que vicejam onde deveria
30 haver acolhimento, alguma segurança e paz, na família. Talvez tenhamos perdido o
31 bom senso. Não escutam a voz arcaica que nos faria atender as crias indefesas – e
32 não me digam que crianças de 11 anos ou adolescentes de 15 (a não ser os monstros
33 morais de que falei na crônica anterior) dispensam pai e mãe. Também não me digam
34 que não tem tempo para a família porque trabalham demais para sustentá-la. Anda-
35 mos aflitos e confusos por teorias insensatas, trabalhando além do necessário, mas di-
36 zendo que é para dar melhor nível de vida aos meninos. Com essa desculpa não os

37 preparamos para este mundo difícil. Se acham que filho é tormento e chateação, mais
38 uma carga do que uma felicidade, não deveriam ter tido família. Pois quem tem filho
39 é, sim, gravemente responsável. Paternidade é função para a qual não há férias, 13º,
40 aposentadoria. Não é cargo para um fiscal tirano nem para um amiguinho a mais: é
41 para ser pai, é para ser mãe.

42 É preciso ser amorosamente atento, amorosamente envolvido, amorosamente inte-
43 ressado. Difícil, muito difícil, pois os tempos trabalham contra isso. Mas que não es-
44 tiver disposto, que não conseguir dizer “não” na hora certa e procurar se informar pa-
45 ra saber quando é a hora certa, quem se fizer de vítima dos filhos, quem se sentir sa-
46 crificado, aturdido, incomodado, que por favor não finja que é mãe ou pai. Descarte
47 esse papel de uma vez, encare a educação como função da escola, diga que hoje é to-
48 do mundo desse jeito, que não existe mais amor nem autoridade... e deixe os filhos
49 entregues à própria sorte.

50 Pois, se você se sentir assim, já não terá mais família nem filhos nem aconchego
51 num lugar para onde você e eles gostem de voltar, onde gostem de estar. Você vive
52 uma ilusão de família. Fundou um círculo infernal onde se alimentam rancores e rei-
53 na o desamparo, onde todos se evitam, não se compreendem, muito menos se respei-
54 tam.

55 Por tudo isso e muito mais, à família moderninha, com filhos nas mão de uma gati-
56 nha vagamente idiotizada e um gatão irresponsável, eu prefiro a família dita careta,
57 em que existe alguma ordem, responsabilidade, autoridade, mas também carinho e
58 compreensão, bom humor, sentimento de pertença, nunca sujeição.

59 É bom começar a tentar, ou parar, de brincar de casinha: a vida é dura e os meninos
60 não pediram para nascer.

No primeiro parágrafo do discurso, já se percebe a posição principal defendida pelo locutor responsável pelo discurso. Observe-se:

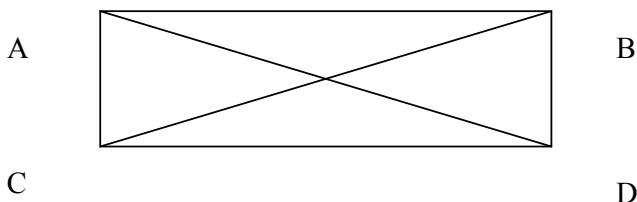
*Esperando uma reação de espanto ou contrariedade ao título acima, tento explicar: **acho, sim, que família deve ser careta, e que isso há de ser um bem incomparável neste mundo tantas vezes fascinante e tantas vezes cruel.***

Para sustentar sua posição, percebemos que o locutor reitera a sua argumentação, trabalhando com diferentes exemplificações.

FAMÍLIA CARETA DC BOM PARA A SOCIEDADE

Nos pontos de vista, relacionados à posição principal do locutor, temos uso da negação polêmica e a seleção do aspecto transgressivo como mostraremos abaixo:

Seqüência 1: “Dizendo isso **não** falo em rigidez, que os deuses nos livrem dela.”

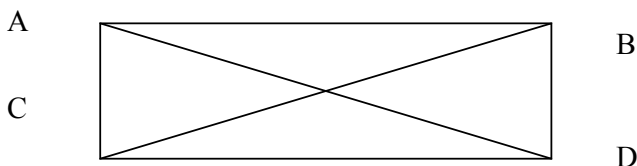


O locutor relaciona **família careta CON rigidez** e estabelece os seguintes aspectos no quadrado argumentativo:

- A** – X **DC** Y – Família careta **portanto** rígida.
- B** - neg-X **DC** neg-Y – Família não careta **portanto** não rígida.
- C** - neg-X **PT** Y – Família não careta **mesmo assim** rígida.
- D** – X **PT** neg-Y – Família careta **mesmo assim** não rígida.

Como podemos observar, o locutor seleciona o aspecto transgressivo D para reforçar a tese inicial e argumentar que, mesmo em famílias caretas, há respeito e tolerância entre seus membros. A seção seguinte mostra uma série de informações que revestem na argumentação inicial e auxiliam o locutor a sustentar sua posição, já defendida no início do artigo.

“**Não** penso em frieza e omissão, que nos farão órfãos desde sempre, nem controle doentio – que o destino não nos reserve este mal dos males. Nem de longe aceito moralismo e preconceito, mesmo (ou sobre-tudo) disfarçado de religião, qualquer que seja ela, pois isso seria a diversão maior do demônio. Falo em carinho, **não** em castração. Penso em cuidados, **não** em suspeita. Imagino presença e escuta, camaradagem e delicadeza, sobretudo senso de proteção. **Não** revirar gavetas, esvaziar bolsos, ler e-mails, escutar no telefone, indignidades legítimas em casos extremos, de drogas ou outras desgraças, mas que em situação normal combinam com velhos internatos, não com família amorosa.”



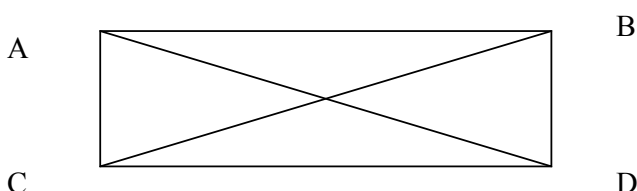
Nesse trecho, o locutor passa a relacionar **família careta CON omissão dos pais e desconfiança dos filhos** e convoca os aspectos:

- A** – X **DC** Y – Família careta **portanto** omissão e desconfiança dos filhos.
- B** - neg-X **DC** neg- Y – Família não careta **portanto** não omissão e não desconfiança dos filhos.

C - neg-X **PT** Y – Família não careta *mesmo assim* omissão e desconfiança dos filhos.

D – X **PT** neg-Y – Família careta *mesmo assim* não omissão e não desconfiança dos filhos. Como podemos notar, o locutor seleciona novamente um aspecto transgressivo D. Como já fizera anteriormente, seleciona um aspecto que reforça sua tese e que se localiza na mesma posição do aspecto anterior. Ambos aparecem conversos às idéias que o locutor procura rechaçar (Família careta *portanto* omissa e desconfia dos filhos).

Na passagem “*interesse não é fiscalizar ou intrometer-se*, o aspecto transgressivo do quadrado, é reiterado. O quadrado argumentativo relaciona agora **família careta CON fiscalizar e intromete-se** e os aspectos convocados são:



A – X **DC** Y – Família careta *portanto* fiscaliza e intromete-se.

B - neg-X **DC** neg-Y – Família não careta *portanto* não fiscaliza e não se intromete.

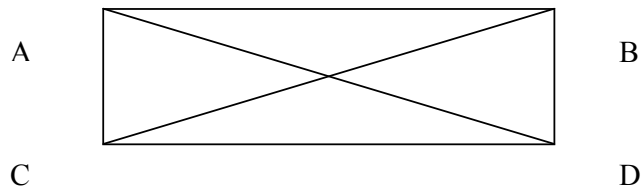
C - neg-X **PT** Y – Família não careta *mesmo assim* fiscaliza e intromete-se.

D – X **PT** neg-Y – Família careta *mesmo assim* não fiscaliza e não se intromete.

O locutor, ao selecionar o aspecto transgressivo D, retoma sua tese e nega, como já apontado, conceitos socialmente recorrentes, quanto ao que signifique uma família careta. E esclarece quais conceitos são, para ele, sinônimos de uma família careta.

O fragmento seguinte marca uma mudança na forma com o locutor constrói seu enunciado. Inicialmente, o locutor coloca-se na posição do leitor, pois passa a evocar a voz dos pais, possíveis alocutários, identificando-se com essa voz pelo uso de “nós”. Vejamos o quadrado argumentativo que relaciona **pais preocupados com o futuro econômico CON não ter tempo para cuidar dos filhos**. Note-se que nesse momento, o autor utiliza na própria relação dos predicados a negação, o que significa que ele reconhece a regra **pais preocupados com o futuro econômico dos filhos CON ter tempo para cuidar dos filhos**, mas opta por utilizá-la com a marca da negação.

“Não entendo a maior parte das coisas solitárias e tristes que vicejam onde deveria haver acolhimento, alguma segurança e paz, na família. Talvez tenhamos perdido o bom senso. Não escutamos a voz arcaica que nos faria atender as crias indefesas – e não me digam que crianças de 11 anos ou adolescentes de 15 (a não ser os monstros morais de que falei na crônica anterior) dispensam pai e mãe. Também não me digam que não tem tempo para a família porque trabalham demais para sustentá-la. Andamos aflitos e confusos por teorias insensatas, trabalhando além do necessário, mas dizendo que é para dar melhor nível de vida aos meninos. Com essa desculpa não os preparamos para este mundo difícil.”



A – X **DC** neg-Y – Família preocupada com o futuro econômico dos filhos *portanto* não tem tempo para cuidar dos filhos.

B - neg-X **DC** Y – Família não preocupada com o futuro econômico dos filhos *portanto* tem tempo para cuidar dos filhos.

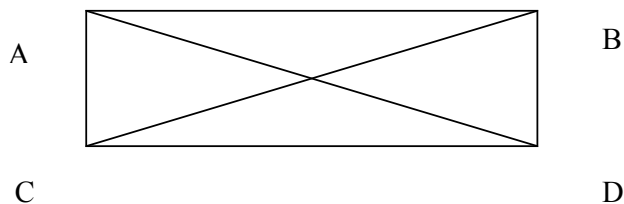
C - neg-X **PT** neg-Y – Família não preocupada com o futuro econômico dos filhos *mesmo assim* não tem tempo para cuidar dos filhos.

D – X **PT** Y – Família preocupada com o futuro econômico dos filhos *mesmo assim* tem tempo para cuidar dos filhos.

Note-se que o autor seleciona o aspecto transgressivo D e se mostra desfavorável à argumentação dos pais, mostrada pelo aspecto A do bloco, sustentando sua tese declarada no início do texto, e rompendo com a aparente aproximação com os possíveis alocutários.

Na passagem seguinte, percebemos que agora o locutor relaciona a função da maternidade e da paternidade, ou a **função de pais CON não responsabilidade** onde, novamente, aparece a negação na própria regra, bem como a aparente aproximação com seus possíveis alocutários

“Se acham que filho é tormento e chateação, mais uma carga do que uma felicidade, não deveriam ter tido família. Pois quem tem filho é, sim, gravemente responsável. Paternidade é função para a qual não há férias, 13º, aposentadoria. Não é cargo para um fiscal tirano nem para um amiguinho a mais: é para ser pai, é para ser mãe.”



A – X **DC** neg-Y – Serem pais *portanto* não serem responsáveis.

B - neg-X **DC** Y – Não serem pais *portanto* serem responsáveis.

C - neg-X **PT** neg-Y – Não serem pais *mesmo assim* não serem responsáveis.

D – X **PT** Y – Serem pais *mesmo assim* serem responsáveis.

Esse diálogo entre o ponto de vista do locutor e o ponto de um suposto alocutário, que representa a figura de pai e mãe, a quem o locutor se opõe é construído

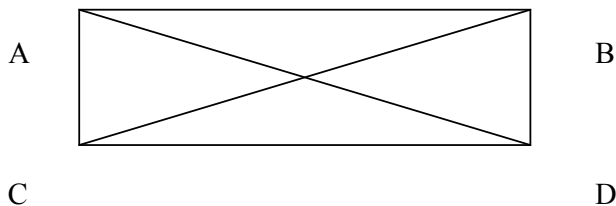
pela seleção do aspecto transgressivo D, que traz, do ponto de vista cultural, não uma transgressão, mas uma lei natural de sobrevivência, na qual os pais, sejam eles humanos ou animais, protegem seus filhos, mas que, na sociedade atual, não parece ser tão “natural”, pois é preciso romper com o pensamento corrente, que é mostrado pelo aspecto A, e transgredi-lo como o locutor faz no seu discurso.

No final no artigo, aparece novamente um suposto diálogo com um alocutário

É preciso ser amorosamente atento, amorosamente envolvido, interessado. Difícil, muito difícil, pois os tempos trabalham contra isso. Mas quem não estiver disposto, que não consegue dizer “não” na hora certa e procurar se informar para saber quando é a hora certa, quem se fizer de vítima dos filhos, quem se sentir sacrificado, aturdido, incomodado, que por favor não finja que é pai ou mãe. Descarte esse papel de uma vez, encare a educação como função da escola, diga que hoje é todo mundo desse jeito, não existe mais amor, nem autoridade... e deixe os filhos entregues à própria sorte.

Pois se você se sentir assim, já não terá mais uma família nem filhos nem aconchego num lugar para onde você e eles gostem de voltar, onde gostem de estar. Você vive uma ilusão de família. Fundou um círculo infernal onde se alimentam rancores e reina o desamparo, onde todos se evitam, não se compreendem, muito menos se respeitam .

Nessa passagem, o locutor constitui um bloco semântico a partir da relação “**não compromisso com a função de pais CON ilusão de família**”. Observe-se que agora a negação está no primeiro predicado, o que reforça que o BS não tem compromisso com nenhum dos aspectos e é o locutor que seleciona qual aspecto ele pretende utilizar.



A – neg-X **DC** Y – Não compromisso com a função de pais **portanto** ilusão na constituição de uma família..

B - X **DC** neg-Y – Compromisso com a função de pais **portanto** não ilusão na constituição de uma família.

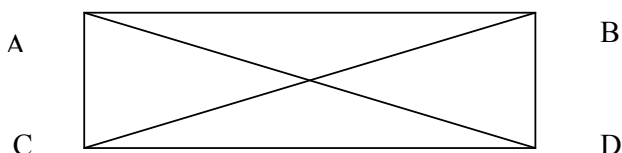
C - X **PT** Y – Compromisso com a função de pais **mesmo assim** ilusão na constituição de uma família.

D – neg-X **PT** neg-Y – Não compromisso com a função de pais **mesmo assim** não ilusão com a constituição de uma família.

Percebe-se que a seleção do aspecto normativo A, em detrimento do aspecto converso transgressivo D, como o locutor fazia anteriormente, funciona como uma espécie de conclusão, já que o locutor já definira sua opinião, divergente do senso comum, quanto à idéia do que seja uma família careta, e de por que, segundo ela, famílias caretas são necessárias à sociedade. Assim, parece que o locutor não precisa

mais reconhecer o aspecto normativo para, em seguida, identificar-se com o transgressivo, pois já defendera sua tese principal. O locutor continua com essa argumentação no fragmento seguinte

Você vive uma ilusão de família. Fundou um círculo infernal onde se alimentam rancores e reina o desamparo, onde todos se evitam, não se compreendem, muito menos se respeitam.” Nesse fragmento, o locutor relaciona no bloco semântico, os predicados **ilusão de família CON incompreensão e desrespeito** e mobiliza os seguintes aspectos no quadrado argumentativo:



A – X **DC** Y – Ilusão de família *portanto* incompreensão e desrespeito.

B - neg-X **DC** neg-Y – Não ilusão de família *portanto* não incompreensão e desrespeito.

C - neg-X **PT** Y – Não ilusão de família *mesmo assim* incompreensão e desrespeito.

D – X **PT** neg-Y – Ilusão de família *mesmo assim* não incompreensão e desrespeito.

Os dois fragmentos normativos A, selecionados pelo locutor no final do texto, correspondem à mesma argumentação de que, nas famílias onde não há compromisso dos pais com a educação dos filhos, existe apenas uma ilusão de família, porque não há respeito nem compreensão entre seus membros.

A presença do interlocutor evocado como “você” evidencia, como já sublinhou antes, que o texto de um artigo de opinião procura dizer, comentando algo já-dito (CUNHA, 2002). A análise realizada pela exploração dos aspectos selecionados do quadrado argumentativo pelo locutor, partindo da negação polêmica, atesta que o gênero *artigo de opinião* constitui um gênero essencialmente argumentativo, não apenas pela seleção do tema para “discutir”, mas, principalmente, pela seleção de encadeamentos feita pelo locutor, para que seu discurso progrida.

O estudo da polifonia, marcado pela negação polêmica, não precisa ser descartado com o surgimento dos estudos dos aspectos do quadrado argumentativo. Pelo contrário, com esses estudos dos blocos semânticos, o caráter argumentativo da língua, como estrutura linguística torna-se mais evidente, reforçando a idéia de que a argumentação está na língua.

Talvez a idéia de Carel e Ducrot (2008), de que: “Tomando ao pé da letra a idéia saussuriana de que o significado é parte integrante do signo, concluímos que ele não pode consistir nem em coisas (ou propriedades das coisas), nem em idéias (conceitos, representações mentais)” possa e parecer-nos clara, agora que as seleções feitas pelo locutor que permitem evidenciar qual é a sua posição, como no gênero artigo de opinião aqui investigado, em que o locutor reconhece a existência das outras potencialidades

argumentativas, e seleciona apenas aquelas que confirmam sua tese inicial, já mostrada no início do texto.

5. Considerações finais

A observação dos dados possibilita confirmar a idéia inicial da ADL de que “a argumentação está na língua”, pois é partindo da materialidade lingüística que percebemos as intenções argumentativas do locutor.

A partir da análise realizada é possível afirmar que a presença de aspectos transgressivos e normativos em um texto desse gênero, exigem do leitor uma leitura mais cuidadosa para que se reconheça que os quatro aspectos do bloco semântico aparecem como virtualidades e a seleção de aspectos conversos, transpostos ou recíprocos não significam troca de opinião, mas seleção argumentativa do locutor.

A pesquisa alcança seu propósito, mesmo com a análise de apenas um texto representativo do gênero artigo de opinião, pois, pedagogicamente, contribui para os professores trabalharem com leitura e produção textual, uma vez que buscamos mostrar como se poderiam explorar todas as virtualidades argumentativas de um bloco semântico para se defender uma tese, virtualidades essas que correspondem aos aspectos que constituem o quadrado argumentativo de um bloco semântico.

Encerramos a pesquisa com o desejo de termos representado para o leitor/pesquisador o que Santiago Kovadloff, pai de Diego, narrado na obra **O livro dos Abraços** de Eduardo Galeno (1995, p.15) representou para o filho

Diego não conhecia o mar. O pai Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Esperamos ter ajudado o leitor a “olhar” a beleza da Teoria dos Blocos Semânticos.

6. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Tânia. **Semântica argumentativa: uma possibilidade para a descrição do sentido do discurso**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Tese de doutorado.

CAREL, Marion. Argumentación normativa e argumentación exceptiva. **Signo&Seña**, Buenos Aires, UBA, nº 9, pp.255-422, jun.1998.

_____. O que é argumentar? **Desenredo**, Revista da PPGL da UPF, Passo Fundo, Ed. da Universidade de Passo Fundo, v.1, nº2, p. 77-84, jul./dez.2005.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentative: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos**. Edição realizada por Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, nº1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1971.